

Um mestre da economia brasileira: Ignacio Rangel revisitado

Luiz Carlos Bresser Pereira

José Márcio Rego

Poucos cientistas sociais estudaram a economia brasileira de maneira tão inovadora como Ignacio Rangel (1914-1994). Ele aliou a uma grande criatividade a ousadia de afirmar e a capacidade analítica de sustentar a validade de suas propostas. Rangel foi provavelmente o mais original analista do desenvolvimento econômico brasileiro. Apenas Celso Furtado teve uma contribuição comparável na análise da dinâmica da economia brasileira. Formado em direito, autodidata em economia, intelectual sempre preocupado com a prática, com as transformações do mundo em que viveu, seu pensamento nem sempre seguia as normas da academia. Era, porém, um pensamento poderoso e profundamente engajado no desenvolvimento nacional. No exterior provavelmente Rangel nunca será conhecido, embora pelo menos uma de suas contribuições tenha valor universal: a tese da moeda endógena. Rangel foi antes de tudo um economista nacional, formado, primeiro, no marxismo, e, nos anos 50 na escola nacionalista do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e na escola estruturalista da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL). Foi um pensador profundamente influenciado por Marx, Keynes e Schumpeter, que ele soube integrar de maneira muito pessoal. É um economista que sempre se distinguiu pelo pioneirismo, pela criatividade, pelo pensamento independente. Na segunda metade dos anos 60, por exemplo, quando vigorou entre os economistas estruturalistas uma interpretação estagnacionista, Rangel não se deixou influenciar. Como afirmou Conceição Tavares, “um dos poucos economistas brasileiros de meu conhecimento que não participava dessa visão era Ignacio Rangel, ao qual devo as mais importantes intuições sobre a natureza do problema central da acumulação naquele período de transição (...). Assim mesmo, relendo-o hoje, verifico que meu modesto ensaio não faz jus à imaginação e vigor criativo de Rangel” (1972: 18). Essa imaginação criadora é uma característica fundamental de seu pensamento.

Não obstante seu valor, na segunda metade dos anos 60 e na primeira metade dos anos 70 a obra de Ignacio Rangel foi relegada, por circunstâncias políticas e pessoais, ao ostracismo, evidenciado na falta de reedição de seus livros já esgotados. Seu clássico *A Inflação Brasileira*, por exemplo, que havia tido duas edições esgotadas no mesmo ano de 1963, levou quinze anos para receber a terceira edição. A partir de 1978, porém, intensificou-se o processo de reavaliação de suas contribuições para o pensamento econômico brasileiro com os textos de Fernando Cardim de Carvalho (1978), Bresser-Pereira (1978), Wilson Cano (1979), Paulo Davidoff Cruz (1980), Paulo Presgrave Leite Soares (1981), Guido Mantega (1984), Ricardo Bielschowsky (1985), Maria Helena Castro e Ricardo Bielschowsky (1987), entre outros. No bojo desse processo e no reconhecimento de ter sido um dos fundadores do pensamento econômico brasileiro, quando foi criada a *Revista de Economia Política*, em 1980, Ignacio Rangel foi considerado um de seus patronos, ao lado de Caio Prado Jr. e Celso Furtado.

Também o próprio Rangel, após graves problemas de saúde,⁵¹ voltou nos anos 70 à sua produção com a inteligência e o vigor que lhe eram característicos. Cremos que seu primeiro aparecimento em reunião de economistas ocorreu na reunião da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) em São Paulo. Depois de muito tempo desaparecido, ele trouxe um artigo baseado na teoria dos ciclos de Kondratieff, onde ele previa que em breve a economia mundial entraria em uma grande crise, embora naquele momento no Brasil vivêssemos em ritmo de milagre, e no resto do mundo as taxas de crescimento continuassem muito favoráveis. Lembramos da desconfiança que as ideias de Rangel provocaram nos economistas presentes, mesmo nos economistas estruturalistas. Mais uma vez Rangel estava confrontando o saber convencional tanto neoclássico quanto estruturalista. Entretanto, no ano seguinte suas previsões se confirmavam ao desencadear-se a crise a partir do primeiro choque do petróleo de 1973. Nos vinte anos depois de 1973 as taxas de crescimento no primeiro mundo foram a metade do que foram nos vinte anos anteriores, e depois de 1993 continuaram inferiores às dos anos dourados do capitalismo. Em 1978, Bresser-Pereira promoveu a publicação da terceira edição de *A Inflação Brasileira*, na qual incluiu

⁵¹ “Felizmente, o cardiologista que, em 1965, prognosticou-me, na sequência de um enfarte, uma vida muito breve, estava equivocado, porque hoje ainda aqui estou, com uma sobrevida razoavelmente saudável e laboriosa... Eis que a história, nada menos, brindou-me com outro régio presente: o prazer de conhecer e de conviver com a geração que se supunha perdida por efeito do golpe de Estado de 1964... Muitos deles me desvanecem apresentando-se como meus discípulos e estão atentos ao que digo e escrevo... Estou tendo, pois, a alegria de conhecer o julgamento dos meus pósteros, sem ter-me dado o trabalho e o desprazer de morrer”. (Rangel, 1987: 7)

